

## **RUPTURA E ADOECIMENTO: A FALTA DE SENTIDO NO TRABALHO DOCENTE**

RUPTURE AND ILLNESS: THE LACK OF MEANING IN TEACHING WORK

**Lidiane Oliveira Eduardo Mota<sup>1</sup>, Ramon Araujo Silva<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIDESC

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNIDESC

---

### **RESUMO**

A literatura aponta diversos desafios relacionados ao trabalho docente que se manifestam como fatores de risco à saúde mental, podendo ocasionar o adoecimento emocional. Ante os desafios já conhecidos, é proposto um olhar diferente: a falta de sentido no trabalho como possibilidade de adoecimento emocional na categoria docente. Portanto, o objetivo deste trabalho é investigar a falta de sentido no trabalho como possibilidade de adoecimento na categoria docente. Para isso, foi adotado como método a pesquisa bibliográfica de viés qualitativo descritivo, com consulta em sites acadêmicos (*Google Acadêmico* e *Scielo*), repositórios universitários, livros digitais e físicos. Descritores: “trabalho e sentido da vida”; “o sentido no trabalho Viktor Frankl”; “valores de criação e o trabalho”; “adoecimento emocional de professores”. Os dados coletados e a análise realizada evidenciaram que a falta de sentido no trabalho docente pode levar ao adoecimento emocional, pois o trabalho não produz mais realizações ao professor. Entretanto, a vivência do sentido no trabalho pode ser um fator de proteção ao perceber esse trabalho como significativo e satisfatório. Assim, verificou-se que a falta de sentido no trabalho contribui para o adoecimento emocional do professor, o que pode causar uma ruptura com o ser docente. Percebe-se que os desafios relacionados à forma com que o trabalho docente está estruturado hoje, acaba por dificultar a vivência plena do sentido, contudo, defende-se que o sentido é um caminho para enfrentar esses desafios.

**Palavras-Chave:** sentido; trabalho docente; adoecimento emocional.

### **ABSTRACT**

The literature points to various challenges related to teaching work that manifest as risk factors for teachers' mental health, potentially leading to emotional illness. Beyond the known challenges, another perspective is proposed: the lack of meaning in work as a possibility of emotional illness in the teaching category. Therefore, the objective of this work is the lack of meaning in work as a possibility of illness in the teaching category. For this, a bibliographical research with a descriptive qualitative bias was adopted as a method with consultation on academic sites (*Google Scholar* and *Scielo*), university repositories, digital and physical books. Descriptors: "work and meaning of life"; "meaning in work Viktor Frankl"; "creation values and work"; "emotional illness of teachers". The data collected and the analysis carried out showed that the lack of meaning teaching work can lead to emotional illness, as the work no longer brings fulfillment to the teacher. However, experiencing meaning in work can be a protective factor by perceiving this work as significant and satisfying. Like this, it was found that the lack of meaning in work contributes to the emotional illness of teachers, which can cause a rupture with the teaching profession. It is perceived that the challenges related to the way teaching work is structured today make it difficult to fully experience meaning; however, it is argued that meaning is a way to face these challenges.

**Keywords:** meaning; teaching work; emotional illness.

---

**Contato:** lidiane.mota@sounidesc.com.br

## **INTRODUÇÃO**

A categoria docente é, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a segunda a apresentar doenças ocupacionais, das quais, em sua maioria relacionadas a questões de saúde mental, como bem ressaltam os autores Dielh e Marin (2016), Tostes

*et al.* (2018), Trindade, Morcef e Oliveira (2018) e Costa e Silva (2019). Entre as causas de adoecimento entre os professores estão questões como indisciplina, violência, falta de sensibilidade da administração, pais omissos, superlotação nas salas, críticas da opinião pública, falta de autonomia, falta de perspectiva de ascensão na carreira, falta de rede de apoio, dificuldades nas relações (família-escola, professor-professor, professor-diretor), entre outros (Barroso, 2018, Mota, 2022). O que em alguns casos tem levado, ao menos entre os professores da SEEDF, ao processo de adoecimento emocional e afastamento, como aponta Mota (2022).

Wood (2022), em seu estudo suscitou a discussão das causas dos altos níveis de professores descontentes com sua profissão, demonstrando que para além dos fatores já relacionados pela literatura, e brevemente citados anteriormente, há outros a serem considerados, como o nível de sentido de vida. Nessa perspectiva, a proposta deste artigo é avançar a temática, destacando também a falta de sentido no trabalho como fator de adoecimento entre os professores. Tal questão apareceu nos relatos das participantes nos estudos de Mota (2022), mas não foi realizada uma análise sobre o fato.

Diante disso, neste artigo foi proposto uma discussão com base na seguinte problemática: A falta de sentido no trabalho pode ser um fator de adoecimento emocional entre os professores?

Os seguintes objetivos foram traçados com a ideia de responder ao problema levantado. Objetivo Geral: Investigar a falta de sentido no trabalho como possibilidade de adoecimento na categoria docente. Objetivos Específicos: 1) Analisar como o sentido da vida e do trabalho se relacionam com o adoecimento emocional; 2) Compreender quais são os desafios que dificultam a vivência do sentido no trabalho docente; 3) Analisar a possibilidade da vivência do sentido no trabalho como fator de enfrentamento ao adoecimento emocional na categoria docente.

Para traçar caminhos e possibilidades de análise, foram utilizados autores como Viktor Frankl (1984, 2003), para embasar as reflexões acerca do sentido da vida e do trabalho, Dejours (1994, 2012), apontando a questão da psicodinâmica do trabalho, Mota (2022), como fonte de pesquisa descritiva, Bronfenbrenner (1996), por trazer conceitos que vão ao encontro do que é apresentado pelos demais teóricos e ainda, Miguez (2014), autora que propõe uma educação em busca de sentido, com base em uma pedagogia inspirada em Viktor Frankl.

Embora seja um estudo realizado considerando a perspectiva de professores readaptados por questões de saúde mental, no contexto da Secretaria de Educação do Distrito Federal, ele pode servir de indicador para um fenômeno que se mostra em toda a

categoria. Dessa forma, o artigo em questão destina-se a contribuir com o público docente em geral. Destaca-se que foi realizado um levantamento literário e verificou-se que faltam produções com a temática proposta, o que contribui para a validação de estudos dentro do tema.

Destaca-se que a proposta desse artigo surgiu a partir da minha vivência enquanto professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), pesquisadora na área do bem-estar e saúde mental de professores e discente de Psicologia, neste último, quando apresentada aos estudos de Viktor Frankl, com a Logoterapia. Essas três grandes áreas (trabalho, educação e psicologia) se inter-relacionam não só na minha vida, mas também academicamente. Uma análise e discussão perpassando aspectos dessas temáticas é o proposto neste artigo.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS / METODOLOGIA**

O presente trabalho propôs a investigação da falta de sentido no trabalho como possibilidade de adoecimento na categoria docente. Para tanto, foi adotado como instrumento, a pesquisa bibliográfica de artigos em sites acadêmicos como Google Acadêmico e Scielo, e ainda, de dissertações em repositórios universitários. Além disso, foram utilizados também livros digitais e físicos. Ao todo, foram consultados doze artigos, cinco dissertações e sete livros. O critério de busca dos artigos e dissertações foram as palavras-chave “trabalho e sentido da vida”; o sentido no trabalho Viktor Frankl; valores de criação e o trabalho”. E ainda, “adoecimento emocional de professores”. A escolha da literatura deu-se mediante a similaridades com o tema proposto e com as ideias do autor base, Viktor Frankl.

A dissertação de mestrado de Mota (2022) fundamentou parte do texto e o capítulo sobre a discussão, onde utilizou recortes das respostas das participantes da pesquisa - professoras da Secretaria de Educação do Distrito Federal em situação de readaptação funcional por questões de bem-estar e saúde mental - para análise e discussão do tema proposto.

A natureza do trabalho é uma pesquisa bibliográfica de viés qualitativo exploratório. Bibliográfica pois segundo Sousa, Oliveira e Alves (2021), uma pesquisa nesse viés busca a análise de materiais publicados, com o intuito de fornecer embasamento teórico para fundamentar o trabalho científico. Qualitativa porque se ocupa com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado (Minayo; Deslandes; Gomes, 2019) e exploratória pois este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior

familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, podendo envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e ainda, análise de exemplos que estimulem a compreensão (Gerhardt e Silveira, 2009).

Como critério ético, adotou-se uma escrita crítica e reflexiva que buscou referenciar todas as citações. Como não foi realizada pesquisa com seres humanos, o presente trabalho não precisou passar por aprovação do Comitê de Ética.

## **REFERENCIAL TEÓRICO / FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1 - O trabalho e o sentido da vida**

Viktor Frankl, neuropsiquiatra judeu austriaco e criador do método terapêutico denominado Logoterapia (terapia do sentido), considerado a terceira escola de psicoterapia de Viena<sup>1</sup>, teve como cena para a solidificação de suas ideias o campo de concentração de Auschwitz. Antes disso, já se propunha a estudar sobre o sentido da vida, contudo, de 1942 a 1945, esteve prisioneiro e passou a observar o cenário à sua volta, o comportamento da mente daqueles que ali estavam sob a influência das mais diversas circunstâncias, sobretudo, diante do sofrimento e desesperança (Frankl, 1984).

Sua célebre obra “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”, foi esboçada ainda enquanto prisioneiro e escrita de fato dentro dos primeiros nove dias que se encontrou em liberdade, trazendo a ideia de que as pessoas diante de um mesmo cenário, expostas ao mesmo tipo de situação, tendem a reagir de formas diferentes. Algumas se entregam e desistem, enquanto outras persistem, apesar das circunstâncias. O que diferencia tais indivíduos, é o sentido que tem na vida (Frankl, 1984).

Para Frankl, o sentido é o que rege a nossa vida, e no caso dos prisioneiros, aqueles que tinham sentido na vida, conseguiam passar por circunstâncias terríveis sem se entregar, talvez de uma forma menos sofrida. Em contrapartida, prisioneiros que não tinham sentido na vida, ou que o perderam, estavam mais vulneráveis às circunstâncias fatídicas (Frankl, 1984).

Quem já não consegue acreditar no futuro – no seu futuro – está perdido no campo de concentração. Juntamente com a esperança no futuro, essa pessoa perde o apoio espiritual, deixa-se ‘cair’ interiormente e decai física e psiquicamente [...] ela entrega os pontos! [...] pois nada mais a interessa (Frankl, 1984, p. 56).

A citação acima descreve a situação observada por Frankl, daqueles que no

---

<sup>1</sup> A primeira escola de psicoterapia foi a de Sigmund Freud, com a Psicanálise. A segunda foi a de Adolf Adler, com a Psicologia individual.

campo de concentração não conseguiam acreditar no futuro, e dessa forma, decaíam interiormente, fisicamente e emocionalmente, “entregando os pontos”. O texto citado refere-se ainda ao que o autor chama de ausência de motivação primária das pessoas, que seria a vontade de sentido. Para ele, “a busca de sentido na vida da pessoa é a principal força motivadora do ser humano” (Frankl, 1984, p. 69). Contudo, o autor destaca que “a vontade de sentido também pode ser frustrada” (Frankl, 1984, p. 71), o que ficou exemplificado no texto referenciado, mostrando que quando não se vive um sentido, não há uma expectativa de futuro, logo, perde-se o apoio interior e conseqüentemente, vivencia-se um processo de decadência.

Frankl escreveu ao longo de sua trajetória 39 livros, fazendo da Logoterapia uma abordagem psicoterápica sólida, com conceitos que ultrapassam o setting terapêutico. Por isso, para o que se propõe esse trabalho, algumas ideias desenvolvidas por Frankl, ajudarão a traçar um construto teórico sobre o tema do sentido (ou a falta dele) no trabalho.

Em sua produção, destacou que existem três caminhos para que a pessoa encontre o sentido da vida (Frankl, 1984). Esses caminhos são definidos como categorias de valor e possibilitam ao homem se realizar enquanto ser-no-mundo, são elas: valores criativos (ou de criação), valores vivenciais (ou de experiência), valores atitudinais (ou de atitudes), (Silva; Damasio; Melo, 2009).

Os valores de criação, dizem respeito a dar algo, a trabalhar. Os valores de experiência tratam sobre vivenciar algo, doar-se, receber, amar alguém. Os valores de atitude, sobre assumir o sofrimento inevitável, sobre nossa postura diante das adversidades, sobre resiliência (Dall Bello, 2019).

Nas palavras do próprio Viktor Frankl, sobre os caminhos para se encontrar sentido, o autor destaca:

O primeiro consiste em criar um trabalho ou fazer uma ação. O segundo está em experimentar algo ou encontrar alguém; em outras palavras, o sentido pode ser encontrado não só no trabalho, mas também no amor [...]. O mais importante, no entanto, é o terceiro caminho para o sentido da vida: mesmo uma vítima sem recursos, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo (Frankl, 1984, p. 94-95).

Embora as três categorias sejam muito interessantes, focaremos na primeira, valores de criação ou valores criativos, pois versam especificamente sobre o trabalho. Tal categoria diz respeito à realização de uma atividade ou um trabalho significativo. Silva, Damasio e Melo (2009, p. 113) destacam que: “essa categoria de valor proporciona ao sujeito a possibilidade de sentir-se socialmente útil e mais que isso, a realização

existencial por meio de um trabalho que tenha sentido para si, independente da profissão”.

Frankl embasou sua teoria no sentido da vida, mesmo embora seus estudos não sejam necessariamente sobre o trabalho, ainda assim, faz apontamentos interessantes sobre o tema. Dall Bello (2019, p. 29), destaca que o autor “visualiza no trabalho uma possibilidade de o sujeito encontrar o sentido da vida, sendo considerado, dentro da perspectiva da criação, como uma das principais vias para o encontro do sentido”.

Antunes (2002) citado por Silva, Damasio e Melo (2009), aponta que o sentido da vida depende da identificação do sentido em que o trabalho realiza, ou seja, segundo esse autor, uma vida com sentido, depende do encontro da realização na esfera de trabalho. Destaca-se então, a importante relação entre o sentido da vida e o sentido do trabalho.

Para Frankl (2003, p. 160), o trabalho “pode representar o campo em que ‘o caráter de algo único’ se relaciona com a comunidade, recebendo assim, o seu sentido e o seu valor”. Ou seja, não se trata da execução do trabalho em si, da profissão que ele representa (se essa ou aquela profissão é mais ou menos significativa) e nem do quanto recebemos para isso, e sim, do sentido que atribuímos a esse trabalho. Dessa forma, o essencial está em como se cria e não em o que ou quanto se cria (Frankl, 2003) e ainda, a realização existencial por meio do trabalho, diz respeito a um sentido para si, independente da profissão (Silva; Damasio; Melo, 2009).

O trabalho pode ser visto sobre dois aspectos: como fator de proteção, sendo provedor de saúde, mas também como fator de risco, podendo adoecer o sujeito. Nesse sentido, Dall Bello (2019, p. 30) destaca:

O trabalho da ordem patológica, é o que não produz realizações ao sujeito, e que pode levá-lo ao extremo como a dedicação exclusiva ao trabalho, anulando outros aspectos importantes da vida. Já o trabalho saudável, é aquele em que o sujeito pode exercitar sua criatividade, e produzir a partir dela, gerando sentidos à vida.

O trabalho que não produz realizações ao sujeito, pode levá-lo também a um outro extremo: o adoecimento emocional. Esse fator está muito crescente na categoria docente e será exposto a partir de agora, numa discussão que aborda os entraves que dificultam a vivência do sentido do trabalho para professores.

## **2 - Ruptura e adoecimento: Desafios da vivência do sentido no trabalho docente**

Para embasar a reflexão proposta a seguir, será abordado a relação entre o trabalho e a saúde psíquica do trabalhador, sob o viés da psicodinâmica do trabalho, uma abordagem criada por Dejours, e que segundo ele, tinha a ideia de compreender porque o

trabalho gerava sofrimento em certos casos e, em outros, prazer (Dejours, 2012).

Antes de prosseguir a discussão, ressalta-se que a ideia inicial da psicodinâmica do trabalho, se assemelha ao ponto central de análise de Frankl, no campo de concentração. Enquanto Dejours, com a psicodinâmica se propôs compreender o porquê de o trabalho gerar sofrimento para alguns e para outros, prazer, Frankl, com a logoterapia se propôs investigar o que leva as pessoas a tomarem atitudes diferentes diante de uma mesma situação. Ou seja, a fonte de prazer no trabalho para Dejours é paralelo ao sentido para Frankl.

Agora, retomando a discussão, Penteado e Neto (2019, p. 144) apontam que “os estudos sobre psicopatologia do trabalho e psicodinâmica do trabalho de Dejours (1992, 1994) contribuem para a compreensão dos processos de prazer, saúde, sofrimento e adoecimento no trabalho”. Esse sofrimento gerado em alguns casos, é um dos fatores que levam à ruptura com o sentido do trabalho e ao adoecimento.

Os estudos de Dejours, destacam bem a dicotomia presente na vivência do trabalho, a saber: o prazer e o sofrimento. Lima e Scatollin (2020, p. 9), apontam que:

A Psicodinâmica compreende o trabalho como um produto da relação entre o homem e a organização do trabalho, sendo um dos principais pilares para a construção da vida psíquica e da subjetividade do indivíduo, podendo ser fonte de prazer, mas também de sofrimento.

A construção da vida psíquica e da subjetividade do indivíduo, diz respeito ao fato de que o trabalho tem uma função que vai além do labor, ele contribui para a construção da identidade e da sociedade, transformando as pessoas e a vida delas, “influenciando na sua saúde, não apenas física, mas também mental” (Lima; Sactollin, 2020, p. 10).

Nesse sentido, já sabendo que o trabalho pode ser fonte de prazer e também de adoecimento e que ele influencia não somente em nossa saúde física, mas também mental, entra em cena o trabalho docente. Silva, Damasio e Melo (2009, p. 112) citam Dejours e apontam que “devido principalmente às péssimas condições de trabalho às quais os professores do Ensino Fundamental e Médio estão submetidos, a docência foi considerada por Dejours (1988) como uma profissão de sofrimento”.

Sobre essas condições de trabalho, Barroso (2018) e Mota (2022) apontaram questões como indisciplina, violência, falta de sensibilidade da administração, pais omissos, superlotação nas salas, críticas da opinião pública, falta de autonomia, falta de perspectiva de ascensão na carreira, falta de rede de apoio, dificuldades nas relações (família-escola, professor-professor, professor-diretor), entre outros. Todos são fatores de risco que podem contribuir para o adoecimento emocional na categoria, sendo desafios que dificultam a vivência de sentido no trabalho docente.

Pesquisas destacam que o trabalho docente configura-se um local contraditório, que suscita ao mesmo tempo tanto a sobrecarga de trabalho como o prazer e a satisfação pela profissão (Mota, 2022). Os autores Tostes *et al.* (2018, p.90) apontam para o duplo sentido do trabalho “[...] sendo ele, por um lado, fonte de prazer e realização, contribuindo para estruturar o processo de identidade dos indivíduos, mas também podendo comprometer a saúde do trabalhador, fazendo-o adoecer”.

Neves e Silva (2006) apontam a angústia e o prazer, como duas dimensões do trabalho docente. Para as autoras, a angústia trata “de executarem mal a atividade, de serem responsabilizadas pelo fracasso escolar dos alunos, de não terem o “controle-de-turma”, entre outros” (Neves; Silva, 2006, p. 72), e o prazer é percebido “na relação afetiva que estabelecem com os alunos, e no fato de perceberem os resultados de seu trabalho” (Neves; Silva, 2006, p. 72). Ou seja, o amor e a saturação emocional em relação aos alunos se impõem simultaneamente e sob conflito, configurando uma atitude paradoxal.

Dejours (2012, p. 364) ao falar sobre sofrimento e prazer no trabalho indica que:

O sofrimento no trabalho começa quando, apesar de seu zelo, o trabalhador não consegue dar conta da tarefa. O prazer, ao contrário, começa quando, graças a seu zelo, o trabalhador consegue inventar soluções convenientes. Prazer e sofrimento no trabalho não são um suplemento de alma, eles são estritamente indissociáveis do trabalho. E o zelo no trabalho é irredutivelmente associado ao engajamento afetivo da subjetividade [...].

Nesse sentido, Zacharias (2012), traz um olhar indicando que as professoras conseguem experimentar bem-estar na profissão, apesar das adversidades e das dificuldades presentes na prática educativa, pois existe um engajamento afetivo da subjetividade docente:

[...] elas desejam permanecer na profissão, escolheram ser professora por opção, gostam do que fazem, sentem prazer por estarem contribuindo para a formação e o desenvolvimento dos seus alunos, reconhecem o valor social da profissão e são reconhecidas, cultivam relações saudáveis e positivas com seus alunos por meio da afetividade, e estão constantemente se atualizando (Zacharias, 2012, p. 122).

Além do engajamento afetivo, o grupo de docentes descrito acima vivencia o que Dejours chama de reconhecimento, segundo ele, “o reconhecimento tem um impacto considerável sobre a identidade. É graças ao reconhecimento que uma parte essencial do sofrimento é transformada em prazer no trabalho” (Dejours, 2012, p. 367)

Contudo, nem todos os professores conseguem por meio do engajamento afetivo, permanecer bem na profissão. Sobre isso, Silva, Damasio e Melo (2009, p. 114) apontam:

Se a profissão é significativa na realização existencial do professor, o trabalho será mais facilmente considerado como prazeroso, significativo e satisfatório, apesar das adversidades. Em contrapartida, se através de uma análise pessoal o professor percebe que a docência não é algo satisfatório para si em nenhum aspecto, esses sujeitos estarão no maior grupo de risco para enfrentar problemas com o estresse no trabalho, uma vez que não há satisfação com as condições de trabalho nem tampouco o trabalho é importante para seus objetivos de vida. Logo, de acordo com o sentido que o trabalho tenha na vida do professor, haverá distintas respostas aos aspectos potencialmente estressores no cotidiano.

Já para alguns docentes, o reconhecimento é justamente o que falta. E sobre a falta de reconhecimento na profissão, Trindade, Morcerf e Oliveira (2018, p.44) afirmam:

O professor, destacando principalmente o que trabalha no ensino público, vivencia um acúmulo de funções e trabalho como a construção de hábitos de saúde, assessoramento psicológico dos alunos, além de tarefas burocráticas que, associadas à falta de autonomia, infraestrutura e baixos salários, constroem uma situação de vulnerabilidade social, psicológica e biológica deste profissional. As queixas mais comuns entre os professores relacionam-se com [...] problemas psicossomáticos e de saúde mental, agravados pela indisciplina dos alunos e falta de reconhecimento e valorização do trabalho do professor diante da sociedade.

As autoras supracitadas expõem, além da falta de reconhecimento, diversos outros desafios presentes na categoria docente que acabam por dificultar a vivência do sentido na profissão, entre os quais, o acúmulo de funções e trabalho. Elas chamam a atenção ainda para a realidade da docência no ensino público destacando a indisciplina e vulnerabilidade social a que esse professor é exposto. Todos esses fatores se somam e acabam influenciando no adoecimento emocional do profissional.

Mota (2022, p. 54-55, grifo nosso) também aponta o excesso de trabalho e a falta de reconhecimento da profissão como desafios da profissão:

Muitos são os desafios da profissão docente, entre eles: relação professor aluno e família, relação entre os pares, violência, insegurança, indisciplina, falta de materiais pedagógicos, estruturas precárias, baixos salários, carga horária elevada, **sobrecarga de trabalho, não reconhecimento** por parte da sociedade e ainda dificuldade de relacionamento com os supervisores.

Mariano e Muniz (2006), em pesquisa realizada, observaram que uma das queixas mais evidentes na fala das professoras entrevistadas por eles é que, apesar dos esforços, a ausência do reconhecimento do trabalho docente por parte de alguns alunos é percebida e sentida, o que causa angústia e incômodo. Com isso, citam Dejours (1993), ao escreverem:

O reconhecimento constitui-se a partir da construção de julgamentos que envolvem duas dimensões de sentido: da constatação referente à contribuição do sujeito para a organização do trabalho e da gratidão pela contribuição dos trabalhadores para a organização do trabalho. (Dejours, 1993 *apud* Mariano; Muniz, 2006, p.83).

Para esses, a ruptura com o ser docente está ligada aos diversos desafios enfrentados, mas especialmente à falta de reconhecimento e de sentido no trabalho, o que leva ao adoecimento. Observou-se que além das questões já destacadas pela literatura (financeiras, estruturais, organizacionais, interpessoais, etc), e indicadas nas citações anteriores, os desafios da vivência do sentido no trabalho docente estão também relacionadas com o nível de sentido de vida dos professores, o sentido que eles atribuem ao trabalho docente e ainda, à dicotomia prazer e sofrimento, tão presente na profissão.

Alinhado ao que foi apresentado até o momento sobre a ruptura e o adoecimento, e sobre o não reconhecimento e valorização, existe um conceito muito interessante proposto pelo psicólogo Urie Bronfenbrenner (1996) e que será brevemente apresentado no tópico a seguir.

### **3 - A Falta de Sentido no Trabalho Docente e o Adoecimento Emocional: um recorte com base na teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner**

No ano de 2022, foi publicada uma dissertação de mestrado intitulada “Possíveis fatores de risco e proteção para o bem-estar e saúde mental da categoria docente: um estudo bioecológico com professores readaptados da SEDF”, de autoria de Lidiane Oliveira Eduardo Mota. Para o estudo, de caráter fenomenológico<sup>2</sup> e natureza qualitativa<sup>3</sup>, foram entrevistadas oito professoras da Secretaria de Educação do Distrito Federal, em situação de readaptação funcional por questões de saúde mental. O teórico base utilizado foi Urie Bronfenbrenner, psicólogo americano nascido na Rússia, que desenvolveu uma teoria ampla e bem sistematizada, tendo como foco o desenvolvimento bioecológico humano. Não será possível descrever em detalhes sua teoria, e esse não é o objetivo aqui, contudo, de forma bastante resumida, Bronfenbrenner enfatiza as características biopsicológicas da pessoa e como elas interagem ao longo do tempo, considerando-as dentro dos sistemas e contextos ecológicos (micro, meso, exo, macrosistema), destacando que a interação por meio dos “processos proximais” produzem o desenvolvimento humano (Mota, 2022).

Algo interessante abordado por Bronfenbrenner e que se alinha ao proposto aqui, é o que ele defende sobre “papéis” e “expectativa de papel”. O autor descreve que “um

---

<sup>2</sup> Segundo Bronfenbrenner (1996, p. 19), a fenomenologia é a maneira pela qual as propriedades são percebidas pela pessoa naquele meio ambiente.

<sup>3</sup> É uma pesquisa focada em entender aspectos mais subjetivos, como comportamentos, ideias, pontos de vista, entre outros. O objetivo é entender de forma mais profunda o tema pesquisado e o que as pessoas pensam a esse respeito. Não traz resultados quantificáveis e numéricos (Mathias, 2022).

papel é uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa”, e também que “os papéis são normalmente identificados pelos rótulos usados para designar várias posições numa cultura”, destaca-se ainda que “o conceito de papel envolve uma integração dos elementos de atividade e relação em termos de expectativas sociais” (Bronfenbrenner, 1996, p. 68-69).

Ou seja, os papéis são o que se espera socialmente de uma pessoa que ocupa uma certa posição e são imbricados de rótulos. Interligado a essas atividades, relações e rótulos esperados social e culturalmente, estão as expectativas de papel (Mota, 2022). Sobre isso, Bronfenbrenner (1996, p. 69) destaca que “associadas a todas as posições na sociedade estão as expectativas de papel, como a pessoa naquela posição deve agir e como os outros devem agir em relação a ela” (Bronfenbrenner, 1996, p. 69).

As conceituações sobre o papel e as expectativas de papel trazidas por Bronfenbrenner (1996) e apontadas no estudo de Mota (2022), nos remetem à reflexão sobre o que é esperado social e culturalmente de um professor, alinhando-se ao que foi exposto no Tópico 2, sobre o reconhecimento apontado por Dejours (2012) e no Tópico 1, sobre o sentido no trabalho apontado por Frankl (2003).

Quando o professor cumpre seu papel social e as expectativas relacionadas a ele - ensino, educação, conhecimento, estar presente em sala, entre outros, espera-se que a contrapartida da expectativa de papel, que é o como os outros devem agir em relação a pessoa (Bronfenbrenner, 1996), no caso o professor, seja cumprida. Tal fator seria justamente o que Dejours (2012) aponta como sendo o reconhecimento, que segundo o autor, é um agente responsável pelo prazer no trabalho.

Contudo, como aponta a literatura e já exposto neste estudo, o não reconhecimento por parte da comunidade escolar (pais, estudantes, colegas de profissão, gestão, sociedade) mesmo o professor cumprindo o seu papel e a expectativa atribuída ao ser docente, é um fator de adoecimento entre a categoria. A falta de reconhecimento e valorização do seu trabalho e da sua profissão, está entre as queixas mais comuns entre os professores e entre os problemas mais associados ao adoecimento emocional, segundo Trindade, Morcerf e Oliveira (2018).

O papel e as expectativas de papel (Bronfenbrenner, 1996) alinham-se também ao que foi abordado no Capítulo 1, onde discutiu-se acerca do sentido no trabalho, com base em Viktor Frankl. Para Antunes (2002, apud Silva; Damasio; Melo, 2009) uma vida com sentido, depende do encontro da realização na esfera de trabalho. Segundo Frankl (2003, p. 160), o trabalho “pode representar o campo em que ‘o caráter de algo único’ se

relaciona com a comunidade, recebendo assim, o seu sentido e o seu valor”, e ainda para Frankl, “a auto realização proveniente do trabalho não depende exclusivamente da profissão do sujeito mas sim da maneira que ele reproduz o seu trabalho, e o sentido que dá a sua profissão” (Dall Bello, 2019, p. 30).

Dessa forma, mesmo que o professor cumpra seu papel social, se não há o reconhecimento, o trabalho perde o caráter de algo único, de algo especial, perdendo o seu valor, e assim, o seu sentido. Infelizmente temos visto esse fenômeno acontecer hoje, a profissão docente não é mais vista como tão admirável, em consequência, muitos professores têm perdido a auto realização proveniente do trabalho, e não estão mais dando sentido a sua profissão. Essa falta de sentido com o trabalho docente, acaba por acarretar um fenômeno crescente entre a profissão: o adoecimento emocional. (Wood, 2022).

Dessa forma, a ruptura com o significado social do ser professor e o não cumprimento da expectativa de papel gerada pelo adoecimento emocional, provocado ou revalidado em sala de aula, afasta o professor da vivência do sentido no trabalho.

Essas questões serão levantadas adiante, na discussão, com base na pesquisa realizada por Mota (2022), que aponta como a falta de sentido no trabalho docente, a falta de reconhecimento e a dicotomia prazer e sofrimento, se manifestam como fatores de ruptura com a profissão e adoecimento entre os professores. Mas antes, será proposto um outro olhar sobre o sentido, que aponta não para sua falta e a relação com os fatores de risco ao adoecimento, e sim, para uma possível vivência do sentido, e sua relação com o bem-estar e saúde mental dos professores.

#### **4- O sentido na vida e no trabalho como possibilidade de enfrentamento ao adoecimento emocional “apesar de”**

O que foi apontado até o momento, é apenas um vislumbre, mas que abre caminhos para demonstrar que a falta de sentido no trabalho docente pode ser considerada como um fator de risco ao bem-estar e à saúde mental dos professores, configurando-se como possibilidade de adoecimento na categoria.

Em contrapartida, será que o sentido no trabalho pode ser visto como um fator de proteção ao bem-estar e saúde mental dos professores, considerando que o sentido nos move, nos impulsiona, nos traz desejos e nos motiva?

Talvez, pode-se dizer que em relação aos professores, o sentido na profissão, relacionado ao sentimento de realização, de ajuda ao outro, de dar significado ao que faz, de ser e se sentir importante para um grupo, é o que os mantém vívidos, apesar das

circunstâncias. Se pensarmos dessa forma, há possibilidade de comparar o sentido no trabalho docente com o terceiro caminho para o sentido da vida, que segundo Frankl, é o mais importante, os valores de atitude:

O mais importante, no entanto, é o terceiro caminho para o sentido da vida: mesmo uma vítima sem recursos, numa situação sem esperança, enfrentando um destino que não pode mudar, pode erguer-se acima de si mesma, crescer para além de si mesma e, assim, mudar-se a si mesma. Pode transformar a tragédia pessoal em triunfo (Frankl, 1984, p. 94-95).

Friamente falando, olhamos a educação e a realidade em que ela se encontra, e não vislumbramos uma mudança, uma melhoria, contudo, se olharmos para o que o autor aponta como caminhos para o sentido da vida, entre eles o valor de atitude, algumas questões podem ser pensadas: É possível que existam professores que se ergam, mesmo sem os recursos necessários? É possível que eles enfrentem uma situação que às vezes não podem mudar? É possível, que se posicionem para além de si, e principalmente que mudem a si? Sim, é possível, e como professora da rede pública, afirmo que ainda vejo muitos professores assim. Talvez a resposta positiva a esses questionamentos seja um dos motivos pelos quais ainda existam professores que não desistiram da educação. Entretanto, o ideal seria que os professores tivessem acesso aos recursos necessários e que eles pudessem ter apoio pedagógico e emocional quando tivessem que lidar com algo que não depende exclusivamente deles.

A autora Miguez (2014), expôs em seu livro uma educação em busca de sentido, propondo uma pedagogia inspirada em Frankl. No livro, a autora faz um paralelo entre as três categorias de valor, já expostas anteriormente - valores criativos, valores experienciais ou de vivência e valores atitudinais - e a relação delas com a educação. Sobre os valores criativos, Miguez (2014, p. 123) aponta o “educar para a criatividade, promovendo a experiência de “oferecer algo de si” ao mundo ou ao outro”. Sobre os valores experienciais relacionados à educação, a autora aponta o educar para a convivência, cooperação, solidariedade e ajuda mútua. Sobre os valores de atitude, a autora afirma “pode-se pensar na grande gama de situações que possibilitam viver a capacidade de superação que gera crescimento para além de si próprio” (Miguez, 2014, p. 123). De fato, ser professor é isso, promover uma educação que ultrapassa o muro da escola, uma educação para a vida.

Frankl destaca que é possível transformar tragédia em triunfo, logo, os professores, ao encontrarem o sentido na vida e no trabalho, podem transformar a educação, tomando uma postura diante das adversidades e sendo resilientes. Pode não ser utopia, pode não

ser romantismo. Quem sabe, o sentido encontrado por Frankl e muitos outros no campo de concentração, pode ser vivido pelos professores nas escolas mesmo diante dos desafios?

Para Frankl, o sentido da vida incondicional e possível sob qualquer circunstância é o grande tema do seu pensamento. Sendo assim, em paralelo com o apresentado neste tópico, é possível atribuir sentido e valor à profissão docente “apesar de”. Apesar de muitos estarem adoecendo em suas salas, apesar de não haver o reconhecimento e a valorização, apesar de a profissão docente ser uma das mais desafiadoras hoje, ainda assim, há a possibilidade de criar novos valores a partir de um sentido particular. Existe a possibilidade de se reencontrar profissionalmente por quê:

[...] não devemos jamais esquecer que podemos descobrir um sentido na vida mesmo quando nos vemos numa situação sem esperança, na qualidade de vítimas sem nenhuma ajuda, mesmo quando enfrentamos um destino que não pode ser mudado. O que realmente importa e conta mais é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que, em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em triunfo pessoal, deve mudar a situação difícil em que o indivíduo está em sucesso humano. Quando não temos mais condição de mudar uma situação [...] então somos estimulados a mudar a nós mesmos (Frankl, 2005, p. 41-42).

Miguez (2014) enfatiza ao longo do livro, um termo utilizado por Frankl, e que pode ser comparado ao pensamento de desesperança que muitos hoje apresentam sobre a educação: o niilismo. O niilismo seria uma negação do sentido, um vazio existencial, e no caso da educação, a desesperança, a descrença de que algo pode mudar. Para além disso, o niilismo, segundo Frankl (apud Miguez, 2014, p. 81), “na verdade advém de um reducionismo, segundo o qual, a realidade não é “nada mais que” isto ou aquilo; “a realidade aparece como mero efeito, produto ou resultado de fatos fisiológicos, psicológicos ou sociológicos”. Ou seja, o niilismo se manifesta nesse sentimento vivido por muitos professores diante da educação e por muitas pessoas diante da vida, o sentimento reducionista e fatídico. Dessa forma, as coisas são o que são, e não tem como mudar.

Contudo, existem questões que precisam ser levantadas: somente o sentido é capaz de fazer com que os professores enfrentem os desafios que lhes são impostos? A solução para o adoecimento emocional evidente na categoria docente seria então, o sentido? Será que o sentido é o que resolve tudo? Não, é claro que não. O sentido não é uma varinha mágica e nem tem poderes especiais de mudar uma situação do dia para a noite. Entretanto, o sentido nos permite compreender a nós mesmos, sermos resilientes e assim, enfrentar as adversidades buscando soluções. Precisamos entender que o sentido

não muda o que está posto, ele muda a nossa percepção sobre a situação.

Miguez (2014), afirma que é papel da educação conduzir a pessoa a responder por ela mesma, de forma concreta e criativa aos apelos que a vida faz. Para a autora, a contribuição de Frankl à reflexão pedagógica pode “fundamentar uma ciência da educação orientada aos valores que objetiva mobilizar a responsabilidade pessoal” (Miguez, 2014, p. 15).

Obviamente não estamos colocando um peso sobre os professores culpabilizando-os por seu próprio adoecimento pelo fato de não terem mais sentido no trabalho. O ponto é justamente o contrário, por meio da compreensão, do resgate e do encontro do sentido no trabalho, ter condições de batalhar para a superação dos desafios. Assim, o sentido seria a força propulsora para o enfrentamento das adversidades presentes na profissão. O sentido é o pequeno elo que ainda sustenta o professor. O sentido é o que pode nos permitir vivermos para além das circunstâncias, dessa forma, o sentido permitiria aos docentes juntarem forças para se apropriarem do ser professor, para lutarem pela educação, e conseqüentemente, batalharem por uma melhor qualidade de vida no trabalho, enfrentando a realidade do adoecimento. Isso não significa que o sentido nos “cura” das mazelas ou nos faz aceitar tudo, e sim, que o sentido estimula a mudar a nós mesmos (Frankl, 2005).

A seguir, os pontos levantados no referencial teórico serão expostos na discussão, onde serão suscitadas reflexões sobre como se manifesta a falta de sentido no trabalho como possibilidade de adoecimento na categoria docente com base na perspectiva de professoras da SEEDF, sobre as condições de trabalho do professor como um desafio para a vivência do sentido e ainda, reflexões que indicam se de fato, a possibilidade de encontro de sentido no trabalho pode ser visto como um fator de proteção ao bem-estar e saúde mental de professores.

## **DISCUSSÃO**

A ruptura com a profissão docente ocasionada pela perda de sentido, e conseqüentemente o adoecimento, foram expostos nos estudos de Mota (2022) - brevemente descritos no tópico 3 - e que embora não tenha tido como objetivo investigar a falta de sentido no trabalho como fator de adoecimento emocional entre os professores, acabou por revelar tal fato. Sendo assim, uma discussão entre o referencial teórico apresentado e a fala das participantes da pesquisa será realizada a partir de agora, com o intuito de se pensar a respeito do que foi proposto nos objetivos, a fim de gerar algumas reflexões e hipóteses sobre o tema.

Quando as participantes da pesquisa deram suas respostas à pergunta “Pra você, o que é ser professora?”, a questão da ruptura com o ser docente e o adoecimento emocional já se mostraram evidentes, conforme aponta Mota (2022, p. 152):

Gostava né? Porque depois do meu problema ... (Bia);

Ser professora foi muito bom, foi vocação mesmo, eu nasci professora, eu gostava muito (Duda);

É uma profissão para mim maravilhosa da qual admiro muito e aí eu falo admiro muito, porque meio que eu por não estar nessa condição de sala de aula eu me vejo um pouco fora dessa realidade (Helen);

Percebe-se que Bia associa o adoecimento emocional à perda de sentido e prazer com a profissão, quando afirma que depois do seu problema (o adoecimento emocional), não gosta mais da profissão. Duda não se vê mais como professora, referindo-se à profissão no passado e afirmando que “foi muito bom” e que “gostava muito”, expressando a ruptura com o ser docente devido ao adoecimento e afastamento. Helen, por sua vez, perdeu a identidade do ser docente por estar fora de sala.

É possível identificar por meio dessas falas que o adoecimento emocional enfrentado pelas participantes causou uma ruptura com o ser docente e que as participantes associam o trabalho diretamente ao estar em sala de aula, que é a expectativa relacionado ao papel do professor, é o que se espera socialmente que ele execute, conforme apontado por Bronfenbrenner (1996). Socialmente, se um professor não está em sala de aula por questões de adoecimento, ele não serve mais, ele perde o seu sentido e perde o seu valor (Medeiros, 2010).

As falas supracitadas, mostram ainda que não é somente socialmente que as professoras perdem o seu valor, pessoalmente elas também não se identificam mais como docentes, não há uma expectativa relacionada à profissão. Dessa forma, o trabalho se torna patológico, pois não produz mais realizações ao sujeito, conforme apontou Dall Bello (2019).

Os trechos destacados nas falas das professoras Bia, Duda e Helen, vão ao encontro ainda do que Dejours (2012, p. 364) fala: “O sofrimento no trabalho começa quando, apesar de seu zelo, o trabalhador não consegue dar conta da tarefa”. Apesar de manifestarem gostar da profissão, o fato de não darem conta da tarefa de estar em sala de aula, acabou por gerar nessas professoras, o sofrimento.

Ainda sobre as colocações das entrevistadas, o exposto por Bia, Duda e Helen se alinham ao que Silva, Damasio e Melo (2009, p. 118) destacam: “se a docência for vista

como uma atividade sem sentido, ela tenderá a ser eliminada do cotidiano da vida do professor”. O que ficou perceptível quando as participantes não mais se percebiam como professoras.

Ferreira e Abdala (2017) apontam para a perda do sentido de ser professora, relacionado a perda da identidade, tendo em vista que o lugar que ocupavam na instituição escolar, o lugar nos processos de ensino e aprendizagem, já não lhes cabe. Assim, para Bia, Duda e Helen, o afastamento da sala de aula, oriundo do adoecimento emocional, as excluíram não somente da sala de aula, mas também do “ser professora”, fazendo-as perderem a sua identidade profissional.

Talvez, o leitor possa estar se perguntando se de fato o sentido do ser docente não é a sua sala de aula. Na verdade, o trabalho pedagógico vai muito além da sala de aula, é bem verdade que lá ele se concretiza, e é lá que ele é mais visto. Contudo, para que ele aconteça, existe uma organização enorme por trás, sem a qual, o trabalho propriamente dito em sala de aula, não seria viável. Profissionais que executam esses trabalhos, como os coordenadores, supervisores, apoios pedagógicos e profissionais em readaptação são todos primeiramente, e, essencialmente professores, tal como aponta Medeiros (2010).

Dessa forma, o objetivo geral proposto no artigo “Investigar a falta de sentido no trabalho como possibilidade de adoecimento na categoria docente” é respondido, originando a seguinte hipótese:

#### **Hipótese 1**

A falta de sentido no trabalho docente pode levar ao adoecimento emocional quando o trabalho não produz mais realizações ao professor.

Relacionado aos objetivos específicos elencados, foi proposto no tópico 2 do referencial teórico, uma reflexão sobre os desafios da vivência do sentido no trabalho docente, o que pode contribuir para a ruptura com o ser professor e para o adoecimento emocional. Em sua pesquisa, Mota (2022) perguntou aos participantes quais eram os fatores de risco ao bem-estar e saúde mental relacionados ao trabalho docente. As respostas revelam os desafios presentes na profissão, que acabam muitas vezes dificultando a vivência do sentido no trabalho docente, um exemplo é a fala a seguir (Mota, 2022, p. 128):

Quando a gente chega no ambiente que a gente vai batendo de frente com vários obstáculos, isso vai adoecendo a gente e muitas vezes no trato com uma gestão autoritária [...] gestores, coordenadores, supervisores pedagógicos, até colegas de trabalho que não estão preparados para lidar, para se relacionar com os colegas no ambiente de forma respeitável, e isso adoecem. [...] A gente vê turmas superlotadas, a gente vê essa rotatividade de professores, a gente vê essa dificuldade toda, essa ausência de material didático, as escolas estão sucateadas, então assim... são problemas antigos né?” (Gigi)

Esse recorte da fala de uma das participantes indica alguns dos desafios na profissão docente apontados anteriormente por Trindade, Morcerf e Oliveira (2018), Costa e Silva (2019) e Mota (2022). Desafios esses associados ao relacionamento com os pares e com os gestores, problemas estruturais como sucateio, salas superlotadas e falta de material.

E ainda, um ponto relacionado aos desafios presentes na profissão e que para muitos autores pode ser um dos principais, levando ao adoecimento, ruptura e perda de sentido no trabalho, e que foi amplamente apresentado no referencial teórico é posto por outra participante do estudo como um fator de risco: a falta de reconhecimento e valorização. Mota (2022, p. 146) expõe:

Eu acredito que a desvalorização profissional, a falta de reconhecimento do seu trabalho, e aí a gente fala em primeiro lugar da própria sociedade que muitas vezes através de atitudes de desrespeito da família, reflete no desrespeito do aluno. O professor já não é tão respeitado pelo aluno como era há algum tempo atrás (...) eu conheço professores que já foram agredidos fisicamente por pai, por mãe verbalmente nem se fala... é muito rotineiro! Fisicamente a gente demora mais a ver, mas verbalmente é direto! Primeira coisa eu acho que é essa desvalorização, essa falta de respeito com o profissional. (Helen)

O trecho acima vai ao encontro do que Trindade, Morcerf e Oliveira (2018, p.44) apontam: “as queixas mais comuns entre os professores relacionam-se com [...] problemas psicossomáticos e de saúde mental, agravados pela indisciplina dos alunos e falta de reconhecimento e valorização do trabalho do professor diante da sociedade”. Ainda, como exposto no referencial teórico, para Dejours “o reconhecimento tem um impacto considerável sobre a identidade. É graças ao reconhecimento que uma parte essencial do sofrimento é transformada em prazer no trabalho” (Dejours, 2012, p. 367).

É possível perceber que, de fato, não há o reconhecimento devido à profissão, em diversos aspectos, o que remete ao sofrimento e falta de prazer no trabalho, assim como apontado por Dejours (2012). E se não há prazer no trabalho, a vivência do sentido no trabalho se torna um grande desafio. Dessa forma, o proposto no objetivo específico de compreender quais são os desafios que dificultam a vivência do sentido no trabalho docente foi refletido, nos permitindo a elaboração da seguinte hipótese:

### **Hipótese 2**

Os desafios relacionados à forma com que o trabalho docente está estruturado hoje, especialmente no que diz respeito à falta de reconhecimento e valorização, acabam por dificultar a vivência plena do sentido.

Para fazer uma discussão que arremate as reflexões presentes no referencial teórico e o proposto no objetivo específico “analisar a possibilidade da vivência do sentido no trabalho como fator de enfrentamento ao adoecimento emocional na categoria docente”, as seguintes falas presentes na pesquisa serão apresentadas (Mota, 2022, p. 162).

Não sou inútil, mas antes tinha esse olhar (Ana);

Me senti frustrada no início [...] o maior desafio é que eu me sinta útil (Bia);

No início, veio um sentimento de frustração (Carol);

Me senti um peixe fora d'água, até tornar o meu trabalho produtivo (Duda);

Me senti triste e perdida, até descobrir que poderia continuar alfabetizando (Ester);

Me senti inválida, hoje estou me descobrindo (Fabi);

O sentimento de incômodo diante do afastamento por adoecimento aparece muito evidente no início desse processo pois houve uma ruptura com o sentido do trabalho docente. Contudo, percebe-se que com o tempo, a situação começou a mudar, as professoras relataram que depois se descobriram em outras funções e que tornaram o trabalho produtivo, ou seja, se num primeiro momento houve a perda de sentido no trabalho, perpetuando um adoecimento já instaurado, e fazendo do trabalho um local de sofrimento, num segundo momento, quando perceberam que continuam sendo professoras apesar de não estarem dentro de sala, e que poderiam desempenhar outras funções dentro do ambiente escolar igualmente importantes, redescobriram o sentido no trabalho e o prazer de ser professor. Tal questão reflete o que Frankl (2003) destacou sobre o sentido no trabalho, como uma das vias para se encontrar prazer e sentido na vida, e ainda, sobre a realização existencial por meio do trabalho.

Ademais, autores como Antunes (2002), Dall Bello (2019), e Silva, Damasio e Melo (2019), apresentados no tópico 1 do referencial teórico, escreveram sobre o sentido no trabalho, referenciando os estudos de Frankl e destacando a realização existencial por meio do trabalho, no caráter de algo que tenha um sentido para si, independente do que esteja sendo realizado. Percebe-se que o que foi vivenciado pelas professoras, reflete exatamente tal ponto, elas resgatam o sentido do trabalho para si, independente da sua realização não acontecer diretamente em sala de aula.

O exposto pelas participantes demonstra ainda o que foi apontado anteriormente, sobre a dicotomia do trabalho docente, indicando que o trabalho pode ser um gerador de sofrimento, mas também de prazer (Dejours *et al.*, 1994). E ainda ao que Silvia, Damasio e Melo (2009, p. 114, grifo nosso), ao escreverem sobre o sentido da vida e o estresse do professorado, com base em Frankl destacam:

**Se a profissão é significativa na realização existencial do professor, o trabalho será mais facilmente considerado como prazeroso, significativo e satisfatório, apesar das adversidades.** Em contrapartida, se através de uma análise pessoal o professor percebe que a docência não é algo satisfatório para si em nenhum aspecto, esses sujeitos estarão no maior grupo de risco para enfrentar problemas com o estresse no trabalho, uma vez que não há satisfação com as condições de trabalho nem tampouco o trabalho é importante para seus objetivos de vida. Logo, **de acordo com o sentido que o trabalho tenha na vida do professor, haverá distintas respostas aos aspectos potencialmente estressores no cotidiano.**

Essa citação faz muito sentido ao analisar o recorte das falas das professoras participantes, quando as respostas referentes à percepção sobre o adoecimento e o afastamento mudaram de acordo com o sentido que o trabalho teve na vida delas. A partir do momento que elas encontraram a realização existencial na nova função, o trabalho passou a ser significativo e satisfatório, apesar das dificuldades. Em contrapartida, assim como indica o texto citado, enquanto elas não perceberam a nova função como algo satisfatório, elas estavam sujeitas à manutenção do adoecimento relacionado ao trabalho.

Bronfenbrenner, por sua vez, destaca que para que o desenvolvimento ocorra “a pessoa deve se envolver em uma atividade” (Bronfenbrenner; Morris, 1998, p. 996). Enquanto as professoras não estavam de fato envolvidas, enquanto se sentiam “inúteis”, “frustradas”, “um peixe fora d’água”, “perdidas”, não houve avanço, não houve desenvolvimento. Quando encontraram o sentido novamente, voltaram a fazer atividades eficazes e a se desenvolverem, tornando-se produtivas.

Diante do exposto, percebe-se uma possibilidade de resposta ao que foi proposto como um dos objetivos específicos deste artigo, quando sugeriu a análise da

possibilidade da vivência do sentido no trabalho como fator de enfrentamento ao adoecimento emocional na categoria docente. Com base no que foi discutido, surge a seguinte hipótese:

### **Hipótese 3**

A vivência do sentido no trabalho é uma possibilidade de enfrentamento ao adoecimento a partir do momento que o professor percebe sua função como algo significativo e satisfatório.

O recorte feito nas falas das participantes do estudo de Mota (2022), e expostos aqui indicam um fenômeno que se estende para além dos profissionais da SEEDF, englobando toda a categoria docente. O que foi apontado ao longo deste trabalho, é apenas um vislumbre, mas que já mostra que de fato, a falta de sentido no trabalho docente pode ser considerada como um fator de risco ao bem-estar e à saúde mental dos professores, configurando-se como possibilidade de adoecimento na categoria e ainda, que os desafios encontrados na profissão, dificultam uma vivência plena do sentido.

Entretanto, foi possível perceber também, que apesar desses desafios, quando o professor encontra sentido no que faz, ele se realiza, se apropria de sua função, e isso, se torna um fator de proteção ao seu bem-estar e saúde mental. Esse ponto vai ao encontro do que é defendido por Frankl e é o ponto central de sua teoria: o sentido é o que rege a nossa vida, sendo o que diferencia as pessoas (Frankl, 1984). Em paralelo ao ser docente, o sentido no seu trabalho é o que rege sua ação, sendo o que diferencia os professores. Com isso, propõe-se uma última hipótese:

### **Hipótese 4**

O sentido é um caminho para enfrentar os desafios presentes na profissão docente.

Dessa forma, finalizamos a discussão retomando a ideia de que a profissão docente é sim desafiadora e possui vários fatores que contribuem para o adoecimento, dificultando a vivência do sentido no trabalho. Entretanto, apesar disso, o sentido é justamente o que dá condições ao professor de batalhar para superar e/ou enfrentar os desafios, sendo inclusive, um fator de proteção ao adoecimento emocional, pois o sentido

nos impulsiona a mudarmos a nós mesmos (Frankl, 2005).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo sinaliza como a falta de sentido relacionado ao trabalho docente se mostra um fator de ruptura do profissional com a profissão, sendo um agente provocador e/ou perpetuador do adoecimento emocional entre os professores. De igual maneira, foi mostrado que o sentido no trabalho, pode ser visto como promotor de bem-estar e saúde mental para a categoria docente.

Dessa forma, observou-se que além dos desafios e fatores de risco ao adoecimento emocional da categoria docente já discutidos pela literatura (sobrecarga de trabalho, falta de reconhecimento e valorização, desrespeito, problemas estruturais, relacionamento com os pares e gestores, etc), existe também, a falta de sentido no trabalho docente.

Diante de tudo o que foi exposto percebe-se que as condições de trabalho do professorado e o próprio sistema educacional em si, dificultam a vivência do sentido no trabalho. O sentido se manifesta então, como um pequeno elo que sustenta o professor em sua função.

Concordamos com Frankl, quando aponta que o sentido tem a capacidade de nos fazer viver para além de nossas condições, e em relação aos professores, defendemos que o sentido no trabalho é o que possibilita continuar na profissão “apesar de”, acreditar na profissão “apesar de” e lutar pela educação “apesar de”.

Assim, um dos primeiros obstáculos que podemos vencer relacionados à educação é o do niilismo, do reducionismo, do ato fatídico. Embora a educação esteja pedindo socorro e os professores estejam sim adoecendo, imaginar que não há mais esperança, que nada mais pode ser feito, que a educação perdeu o seu valor e o seu sentido, é talvez, o primeiro desafio a ser vencido.

*Precisamos aprender que nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós (Frankl, 2019).*

## REFERÊNCIAS

BARROSO, B. O. **Para além do sofrimento: uma possibilidade de resignificação do mal-estar docente**. 2008. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. **The ecology of developmental processes**. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). Handbook of child psychology, Vol. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, p. 993-1028, 1998.

COSTA, R. Q. F.; SILVA, N. P. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Ensino Fundamental. **Pró-posições**, Campinas, SP, v. 30, 2019.

DALL BELLO, C. **Vida e sentidos na perspectiva de Viktor Frankl: um estudo sobre o sentido da vida e do trabalho na atualidade**. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2019.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, jul./set. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722012000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 abr 2024.

DIEHL, L; MARIN, A. H. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016.

FERREIRA, G. N.; ABDALA, R. D. Identidade Profissional e o Estigma Social do Professor Readaptado. **Revista Ciências Humanas - UNITAU**, Taubaté/SP - Brasil, v. 10, n Extra, edição 19, p. 24 - 33, Outubro, 2017.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 45. São Leopoldo / Petrópolis: Editora Sinodal/Editora Vozes, 1984.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial**. Publicado originalmente em 1973. São Paulo: Editora Quadrante, 2003.

FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Aparecida / São Paulo.: Editora Ideias & Letras, 2005.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS, Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre Editora da UFRGS, 2009.

LIMA, N. A. de.; SCATOLIN, H. G. Os mecanismos de defesas do trabalhador na visão da psicodinâmica do trabalho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 11, Vol. 17, pp. 153-173. Novembro de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/psicologia/psicodinamica-do-trabalho>. Acesso em: 07 abr 2024.

MARIANO, M. S.S.; MUNIZ, H. P. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 6, n.1, 2006.

MEDEIROS, R. C. M. **Para uma ecologia (mais) humana do professor readaptado**. 2010. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2010.

MIGUEZ, E. M. **Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2014.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2ª edição, 2019.

MOTA, L. O. E. **Possíveis fatores de risco e proteção para o bem-estar e saúde mental da categoria docente: um estudo bioecológico com professores readaptados da SEDF**. 2022, 280 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Brasília, 2022.

NEVES, M. Y. R.; SILVA, E. S. A dor e a delícia de ser (estar) professora: trabalho docente e saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro , v. 6, n. 1, p. 63-75, jun., 2006 . Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812006000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812006000100006&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 07 abr. 2024.

PENTEADO, R. Z.; NETO, S. S. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saúde e soc.** vol.28 no.1 São Paulo Jan./Mar, 2019.

SILVA, J. P.; DAMÁSIO, B. F.; MELO, S. A. O sentido de vida e o estresse do professorado: um estudo correlacional. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 111–122, 2009. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v12i1p111-122. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25770>.. Acesso em: 29 mar. 2024.

SOUSA, A. S de; OLIVEIRA, G. S de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

TOSTES, M.V.; ALBUQUERQUE, G. S. C.; SILVA, M. J. S.; PETTERLE, R.R. Sofrimento mental

de professores do ensino público. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, V. 42, N. 116, P. 87-99, Jan-Mar, 2018.

TRINDADE, M. A.; MORCERF, C. C. P.; OLIVEIRA, M. S. Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência. **Revista Interdisciplinar de Extensão**. V. 2. Nº 4, 2018.

WOOD, J. P. M. **Engajamento no trabalho e sentido de vida entre professores: um estudo correlacional**. 2022. 46 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem) - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto.

ZACHARIAS, Jamile. Bem-estar docente: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre. 2012. 152 f. **Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, PUCRS**, Porto Alegre, 2012.